

B.S

13-4-59

Guimarães, 25 de julho de 1903

ALA-MODERNA

Revista quinzenal illustrada
Litteratura e critica

1.º Anno — n.º 1



SUMMARIO

Antonio Nobre, Alfredo Guimarães & *Pobre Tysica*, Antonio Nobre & *Teroigne de Merigourt*, O odio, Raul Brandão & *Sensual*, Guedes Teixeira & *A Ásia*, Eça de Queiroz & *De Joelhos*, Arnaldo Pereira & *Agora mesmo*, Guilherme Gama & *Soneto*, Antonio Corrêa d'Oliveira & *Cantigas da Lusitania* & *Notas a lapis* & *Galeria Vimaranesense*, Estélio.

GRAVURAS

Antonio Nobre & D. Maria Benedicta Almada & Dr. Antonio Coelho da Motta Prego.

PUBLICA-SE EM 10 E 28 DE CADA MEZ



GUIMARÃES

PAP. E TYP. MINERVA VIMARANENSE

de Antonio Luiz da Silva Dantas

1903

Sociedade Martins Sarmiento

1.º Anno
N.º 1

Revista quinzenal illustrada
Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranesse

Editor responsavel
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 25 de Julho de 1903

Proprietario e administrador
Antonio Dantas

ALFREDO GUIMARÃES

Antonio Nobre

Um cego d'esquina de voz rouca e olhos estalados, cantando o *fado* mau d'uma mulher perdida ou d'alguem que morresse ao abandono, voz de choro a *tropear nas Almas, sem as vér*: uma cara magra de mulher moça, pallida de cêra, cuspiendo sangue, á hora religiosa do poente, á beira mar: um rosario piedoso de lanchas, singrando um mar lendario, n'um adeus saudoso e repetido: uma procissão em honesta aldeia, onde os pregões de agua fresca e limonada, de cravos de papel barato, velhos nús a lêrem a signa, *fado mourisco*, contando coisas reaes da crua guerra, nadam no ar como um pregão de vida e de desgraça, tal o assumpto doloroso e meigo d'esse sombrio e divino *Só*, o primeiro e melhor livro do maior Poeta da ultima geração portugueza.

Em Portugal, depois de Garrett, Antonio Nobre foi o Poeta que melhor traduziu na sua obra o lyrismo commovido do nosso Povo, chorou nas nossas grandes alegrias e cantou as tristezas mais pesadas da nossa terra.

Por isso Antonio Nobre é, com o elegiaco rythmo das suas producções, o mais puro poeta nacional.

O seu temperamento de nevropatha orgulhoso e inconstante, exacerbado violentamente ás mais pequenas crises do pensamento, dava-nos sempre, com a dôr da sua vida, as flores virgens do mais encantador lyrismo.

Artista d'um raro e subjectivo exotismo, modelando pela côr a harmonia casta de cada verso, era uma febre de Verdade, essa que excitava a sua sensibilidade perigosa e cada dia gastava dolorosamente, o seu perfil vellado, onde dois lindos e negros olhos, grandes e profundos, se sumiam como desconfiados das coisas pallidas e tristes do nosso Portugal.

Cesario Verde, que fez com a côr milagres d'arte—idealidade fustigada de vida: Julio Dantas, bizarro e doloroso nas paginas frias e nocturnas do *Nada*, ambos se sentem tocados d'essa crise d'alegria que o exotico artista das *Flores do Mal*

espalhou nas ultimas camadas, ligando-se o Cesario á forma de *Baudelaire* no grito údalgo da côr, e Julio Dantas no pessimismo luctuoso, forte e desgraçado do poeta francez.

Antonio Nobre obedeceu apenas á originalidade delicada da sua phantasia, e, sendo uma bella alma, deu-nos um livro que falla dos infelizes sem pão, da meiguice das creanças e d'esse ar extranho e abençoado dos embarcadicos, que nos evoca, na sua simplicidade de vida, todo



o idyllio encantador e virgem d'algumas narrações biblicas.

O' meu Pae, não ser eu dos poveirinhos!
Não seres tu, para eu ser, poveiro,
Mail-Irmão do Senhor de Mattozinhos!

Oh as lanchas dos poveiros
A sairem á barra, entre ondas e gaivotas!

*Senhora d'ajuda!
Ora pro nobis!
Calluda!
Sêmos probes!*

... e as lanchas vão em paz por esse mar de Christo...

E por ser um livro triste, casto e piedoso, o *Sô*, como as *Despedidas*, é a biblia mais da nossa alma que chora nas grandes alegrias cantando o fado triste da gente lusa...

ANTONIO NÓBRE

POBRE TYSICA

Quando ella passa á minha porta,
Magra, livida, quazi morta,
E vae até á beira mar,
Labios brancos, olhos pizados:
Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar.

Perpassa leve como a folha,
E, suspirando, ás vezes, olha
Para as gaivotas, para o Ar:
E, assim, as suas pupillas negras
Parecem duas toutinegras,
Tentando as azas para voar!

Veste um habito côr de leite,
Saiinha liza, sem enfeite,
Boina maruja, toda luar:
Por isso, mal na praia alveja,
As mais suspiram com inveja:
«Noiva feliz, que vaes cazar...»

Triste, acompanha-a um *Terra Nova*
Que, dentro em pouco, á fria cova
A irá de vez acompanhar...
O chão desnuda com cautella,
Que *Boy* conhece o estado d'ella:
Quando ella tosse, põe-se a uivar!

E, assim, sozinha com a aia,
Ao Sol, se assenta sobre a praia,
Entre os bebês, que é o seu lugar:
E o Oceano, tremulo avôzinho,
Cofiado as barbas côr de linho,
Vem ter com ella a conversar.

Fallam de sonhos, de anjos, e elle
Falla d'amôr, falla d'aquelle
Que tanto e tanto a faz penar...
E o coração parte-se todo,
Quando a sorrir, com tão bom modo,
O Mar lhe diz: «Ha-de sarar...»

Sarar? Mizerrima esperanza!
Padres! ungi essa criança,
Podeis sua alma encommendar:
Corpinho d'anjo, casto e inerme,
Vae ser amada pelo Verme,
Os bichos vão-na desfructar.

Sarar? Da côr dos alvos linhos,
Parecem fuzos seus dedinhos,
Seu corpo é roca de fiar...
E, ao ouvir-lhe a tosse secca e fina,
Eu julgo ouvir n'uma officina
Taboas do seu caixão pregar!

Sarar? Magrita como o junco,
O seu nariz (que é grego e adunco)
Começa aos poucos de afilar,
Seus olhos lançam igneas chammas:
O' pobre Mãe, que tanto a amas,
Cautella! O Outomno está a chegar...

RAUL BRANDÃO

TEROIGNE DE MERICOURT

O ODIO

A grande Revolução deslumbra e attrahê como um cataclismo visto do alto d'uma montanha — o Tempo.

E' um espectáculo formidavel, cheio de belleza e de horrôr: são as forças desencadeadas, um redemoinho humano. Na tempestade, a torrente magnifica arrasta arvores de braços contorcidos, os robles centenarios e as pedras desarraigadas e puidas — indifferentemente o que é grande e o que é minuscuro; na revolução, durante o curto espaço em que o homem arranca a mascara, vê-se n'um torvelinho o Odio, a Paixão, a Colera, o Heroismo e a Infamia á mistura, despídos, rouscos, formidaveis, a agatanharemi-se como n'um circo.

A levada é esplendida e horrivel: tem dentro lagrimas e gritos. Em torno o povo, outra Força, ruge. E' bello e sinistro. Quem lê agora a Revolução experimenta uma sensação parecida á do homem livre da tempestade — mas ouvindo-a desabar ao pé de si. Lá fóra a natureza despedaçã-se; na noite obscura, compacta e tumultuaria, as coisas clamam. Depois vem um silencio em que as gottas fridas tombam com uma tristeza de lagrimas. Aqui dentro o lume d'uma raiz, o agasalho — e o egoismo; lá fóra o cahos.

Atravez do sonho vae-se desenrolando n'um grande tablado, o prodigioso drama, e figura atraz de figura, paixão atraz de paixão, arranca-se do nada e vem fallar-nos. Ao fundo a plebe confusa agita-se, revolvida pela dôr. Ha typos sem relevo que não chegam a sahir de todo da obscuridade, logo tragados pela noite historica. Fica

uma simples palavra, um esgare, um grito. Interessam-nos, porém, pois que não ha creatura a quem o sangue não dê grandeza. E todas aquellas mãos estão tintas. Se não fosse o cadafalso a Revolução teria sido ridicula; não viesse o arado d'aço revolver, dilacerar, despedaçar e a tragedia acabaria em farça. Tão certo é que só quando o Homem se encontra cara a cara com a Dôr — o espectáculo se torna atrahente. Os homens da Revolução sentiram-no e abafaram o grotesco n'um oceano de sangue. A Dôr é uma eterna primavera: o sulco aberto pelo arado reclama gritos, para produzir. Reparem que não ha uma creatura ridicula em toda aquella torrente: encontram-nas atrozes, ridiculas não. A Dôr dá sempre grandeza. O cadafalso afasta o escarneo. D'entre os typos íntimos da Revolução ha um que impressiona. E' uma creatura extranha — a meretriz.

Esqueçamos porém a mulher para estudar a paixão.

Teroigne de Mericourt era bella como uma arvore: cabellos fulvos, porte de rainha. A sua belleza engrandecia-se nos tumultos. Sacudida pela paixão ficava então soberba.

Um nobre seduzira-a e abandonara-a. Servira-se d'ella e deitara-a fóra como um trapo inutil. Já reparaste que não é indifferente ir a um ser innocente e acordal-o? Com uma palavra transforma-se toda uma alma, agita-se um oceano desconhecido — e aquelle chão que conheceste idyllico e bem capaz de produzir tragedias. Não ha palavras banaes: um simples som, um acto que nos parece vulgar — póde, só elle, convulsionar um povo. Tinha dezeseis annos quando a vida lhe surgiu sob um aspecto feroz: d'um dia para o outro Teroigne modificou-se. Então fugiu, vagueou pela Inglaterra e pelo mundo e depois de mergulhar em todas as infamias foi cahir a Paris, onde lidou com os homens da revolução, com Mirabeau, de quem foi amante, com Sieyés, Danton, Chenier e Desmoulins. O seu sonho ateuou-se ao contacto com o sonho alheio.

Era uma mistura inqualificavel de piedade e de desespero, de emoção e de odio. Passou a ser a amante da canalha. Vendia-se aos ricos e entregava-se, altiva e fulva, soberba como as rainhas, á sordida plebe. Cobriam-na d'ouro e ella atirava-o, offerecendo-o com o corpo branco e duro como os marmores, á abjecção dos bandidos. Vestida de vermelho, com uma pluma no chapéu, reclamava nas praças a cabeça dos nobres. Conheciam-na os aventureiros e os ladrões; amava a escoria — que a yia affrontar cara a cara o mysterio da morte e o impenetravel destino — como uma extranha flôr, branca e ouro, cuja haste fragil se debruça sobre um abysmo hyante.

No seu odio havia nervos de mulher. Era eloquente como a paixão. No Club dos Jacobinos, com o seio a arfar e as mãos transparentes e patricias estendidas — propunha que sobre os alicerces da Bastilha se reconstruisse o palacio da representação nacional. E com um lindo gesto atirou sobre a tribuna as suas joias.

— Eis o preço de muitas infamias!...

A turba ululava. A's vezes sustinha as co-leras: a sua belleza era um dique áquelle oceano embravecido. Commandava o terceiro corpo de exercito dos *faubourgs*: commandava a desordem, a infamia, o odio; commandava a destruição e a ira. Os escriptores do seu tempo diziam:

— Eil-a! Quer lavar em sangue toda a sua vergonha.

Desafiava a morte: altiva, loira, diabolica, a frente da escumalha, forçara as grades dos Invalidos e arrancara por suas proprias mãos aos soldados duas peças d'artilheria: fóra a primeira a escalar a Bastilha e guiára a Versailles as mulheres esfaimadas, parando fria como um tumulo, transida de rancor, mas impavida, bella e fulva, diante das cabeças espetadas nos chuços, de boccas ainda torcidas no ultimo estertor. Fixou attenta, durante segundos, os olhos vitreos d'esses estranhos trophéos. Depois passou a sorrirse...

*

Aqui não ha só odio — ha sonho.

E' uma mistura difficil de destrinçar, amalgama feita de plena escuridão e de pedaços vivos d'estrellas; o que ha de mais doloroso e obscuro e o que a vida tem de maxima belleza. A emoção e a seccura. Só uma mulher escarne-cida e calcada e cheia de imaginação, é capaz de trazer na alma tão estranho problema. Porque reparem: ha um sonho enorme, incomparavel, um extasi, um universo que ella aos dezeseis annos esconde como n'um relicario.

Cada ser alimenta um mundo reduzido — a Vida. Aos dezeseis annos, em plena innocencia — que clarão, que um simples sopro faria mirar, ella não traria consigo. O que quer que era de branca emoção dorida; uma arvoresinha coberta pela primeira vez de flôr e extactica diante do prodigioso mysterio da existencia. O mundo inteiro apparecia-lhe, não na realidade feroz, com alcateias de lobos — mas como o seu lindo sonho. E de um dia para o outro tudo desfeito, calcado, enlodado! ... Partiu, fugiu de si mesmo; tinha de repente deparado com a negra realidade.

Foi n'este chão feito de estilhaços de sonho que uma arvore medrou. Estranha, esgalhada, sem floração, criou, alastrou, encheu-se de rai-zes. Como um cancro: dentro em pouco apode-rou-se de todo o seu ser. Corrompeu-o e eis que só ella domina. Passa a viver de sonho, alimenta-se agora de sangue. Tem fome: reclama portanto a gritos. E' secca como o desespero, cresce á custa de escuridão — e quer o descampado agitar-se solitaria e feroz.

Não é bem o odio — é o sonho feito odio: é um mundo de belleza transformado em rancor: é a emoção ás avessas — é a esplendida torrente de piedade transformada em jorros d'infamia. Porque o odio é inutil — e esta mulher tem uma grande piedade pelos opprimidos: a sua belleza desce até nos peiores covis: o seu odio incendia as caurnas, a sua abjecção illumina. Despreza o ouro, sacrifica-se, desce, atola-se, pensando redimir. Ha aqui não só grandeza — que o odio póde tel-a — mas belleza, o que é impossivel ao odio. E' que quando ella cheia de paixão reclamava nas praças a morte para os nobres — pensava (sonho grotesco d'uma fraca mulher) acabar d'uma vez para sempre com a innocencia illudida, com a seducção e o crime. Odiava na verdade — mas a mentira.

Todos os dias se rasgava. Para alimentar a Arvore estranha enumerava-se noite a noite os seus rancores, os ultrajes, as degradações. Revolvia na chaga pondo-a em carne viva. Direis que tinha na alma os gritos e as lagrimas, e a dôr de todas as creaturas seduzidas. E das noites d'insomnia sahia, para a lama das ruas, commandando a plebe. Amôr tel-o-hia salvo — o Odio, como vão ver, perdeu-a.

Um dia Teroigne descobre entre a multidão
bravia uns olhos que nunca mais podera esquecer
— os do seu seductor.

— Perdão!

— E porque preço o meu perdão? pergunta-
lhe — Por quanto oiro? por que oceano de la-
grimas? Como resgatas a innocencia illudida, o
sarcasmo, o vicio, as mortes — «e esta immorta-
lidade de infamia»? Fal-o matar e mergulha
desvairada na revolução e no crime. Afunda-se,
bella e altiva, de cabellos fulvos, soberba, vestida
de vermelho como se se tivesse banhado n'uma
torrente de sangue.

Quando quer recuar é tarde: as megeras des-
pem-na em plena praça e açoutam-na. Era em
maio, abriam os primeiros botões. Deixam-na
prostrada no chão, nua e branca, com os cabellos
d'oiro esparsos na lama. Quando vem a si põe-se
a rir: endoidecera. E durante annos viveu as-
sim n'um carcere do hospital; arrastava-se no la-
gado; punha a bocca ás grades e fallava a uma
multidão imaginaria e revolta. Nunca mais se
quizeu vestir. Era hedionda, sanguinaria e impudi-
ca: com os cabellos todos brancos commandava
a uma plebe de sonho, que via rolar em catadu-
pas de colera, erguendo nos piques cabeças dece-
padas — mascaradas d'irrisão e de horror.

— A' morte! á morte!...

Era ainda o sonho do odio, mas desvairado e
grotesco, immenso. Ordenava aquella turba phan-
tastica e cahotica, não já uma linda creatura ves-
tida d'encarnado, fulva e branca, com uma pluma
a agitar-se no chapéu — mas uma velha resequida
e má, de bocca colerica, nua e de cabellos des-
grenhados todos brancos.

— A' morte! á morte!

EÇA DE QUEIROZ

A aia

Era uma vez um rei, moço e valente,
senhor de um reino abundante em cida-
des e cearas, que partira a batalhar por
terras distantes, deixando solitaria e triste
a sua rainha e um filhinho, que ainda vi-
via no seu berço, dentro das suas faixas.

A lua cheia que o vira marchar, levado
no seu sonho de conquista e de fama, co-
meçava a minguar — quando um dos seus
cavalleiros appareceu, com as armas rotas,
negro de sangue secco e do pó dos cami-
nhos, trazendo a amarga nova de uma
batalha perdida e da morte do rei, tras-
passado por sete lanças entre a flôr da
sua nobreza, á beira d'um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei.
Chorou ainda desoladamente o esposo,
que era formoso e alegre. Mas, sobre-
tudo, chorou anciosamente o pae que as-
sim deixava o filhinho desamparado, no
meio de tantos inimigos da sua fragil vida
e do reino que seria seu, sem um braço
que o defendesse, forte pela força e forte
pelo amôr.

D'esses inimigos o mais temeroso era
seu tio, irmão bastardo do rei, homem
depravado e bravo, consumido de cobi-
ças grosseiras, desejando só a realeza por
causa dos seus thesoiros, e que havia an-
nos vivia n'um castello sobre os montes,
com uma horda de rebeldes, á maneira
de um lobo que, de atalaia no seu fojo,
espera a presa. Ai! a presa agora era
aquella creancinha, rei de mama, senhor
de tantas provincias, e que dormia no seu
berço com seu guiso d'oiro fechado na
mão!

Ao lado d'elle, outro menino dormia
n'outro berço. Mas este era um escravo-
sinho, filho da bella e robusta escrava que
amamentava o principe. Ambos tinham
nascido na mesma noite de verão. O
mesmo seio os creava. Quando a rainha,
antes de adormecer, vinha beijar o prin-
cipesinho, que tinha o cabelo loiro e fi-
no, beijava tambem por amôr d'elle o es-
cravosinho, que tinha o cabelo negro e
crespo. Os olhos de ambos reluziam
como pedras preciosas. Sómente, o ber-
ço de um era magnifico e de marfim en-
tre brocados — e o berço do outro pobre
é de verga. A leal escrava, porém, a am-
bos cercava de carinho igual, porque se

GUEDES TEIXEIRA

SENSUAL

Canto o seu corpo lindo, de serpente,
Tal qual elle é, tal qual m'o deu, assim
Como inda o sinto no meu sangue ardente
E como o vi deitado ao pé de mim.

Canto esse corpo doido de desejos,
Como o mel doce e bom... como elle emfim!...
Digam-me as rimas todos os seus beijos,
Digam-me os versos como a tenho em mim.

Sempre p'ra os labios o seu labio aberto,
Vivendo, longe, no maior ciume,
Hysterica, os seus braços, no aperto
D'uma doida vontade, ferem lume...

Nada ha na vida para ella alem
Do goso immenso de se ver possuida...
Beijar mil vezes não é beijar bem,
São bons os beijos só por toda a vida...

Alma? pois é propriamente a alma,
Que assim nos põe, que assim nos faz; eguaes,
A dôr da carne só a carne a acalma,
E a carne é a alma que é o que pode mais.

Do livro — Saudades do Coração.

um era o seu filho — o outro seria o seu rei.

Nascido n'aquella cas areal, ella tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correra mais sentidamente do que o seu pelo rei morto á beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no ceu. O rei seu amo, de certo, já estaria agora reinando n'um outro reino, para além das nuvens, abundante tambem em cearas e cidades. O seu cavallo de batalha, as suas armas, os seus pagens tinham subido com elle ás alturas. Os seus vassallos, que fossem morrendo, promptamente iriam n'esse reino celeste, retomar em torno d'elle a sua vassallagem. E ella um dia, por seu turno, remontaria n'um raio de luz a habitar o palacio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas tunicas, e a accender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no ceu como fôra na terra, e feliz na sua servidão.

Todavia tambem ella tremia pelo seu principesinho! Quantas vezes, com elle pendurado do peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infancia, nos annos lentos que correriam antes que elle fosse ao menos do tamanho de uma espada, e n'aquelle tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do throno, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanges da sua horda! Pobre principesinho da sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas se o seu filho chalhava ao lado — era para elle que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua indigencia, nada tinha a receiar da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das glorias e bens do que já estava alli no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez.

A existencia, na verdade, era para elle mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu principe, porque nenhum dos duros cuidados com que ella ennegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquella humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores — dos beijos que ella fazia ligeiros sobre as mãos do seu principe.

No emtanto um grande temor enchia o palacio, onde agora reinava uma mulher

entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina, que errava no cimo das serras, descera á planicie com a sua horda, e já atravez de casaes e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruinas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardião lumes mais altos. Mas á defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre elle a sua fraqueza de viuva. Só a ama leal parecia segura — como se os braços em que estreitava o seu principe fossem muralhas de uma cidadella que nenhuma audacia pôde transpôr.

Ora uma noite, noite de silencio e de escuridão, indo ella a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, á entrada dos vergeis reaes. Embrulhada á pressa n'um panno, atirando os cabellos para traz, escutou anciosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando mollemente, sobre lages, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos d'armas... N'um relance tudo comprehendeu — o palacio surprehendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu principe! Então, rapidamente, sem uma vacillação, uma duvida, arrebatou o principe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga — e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real que cobriu com um brocado.

Bruscamente um homem enorme, de face flammejante, com um manto negro sobre a cotta de malha, surgiu á porta da camara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou — correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a creança, como se arranca uma bolça d'ouro, e abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O principe dormia no seu novo berço. A ama ficára immovel no silencio e na treva.

(Conclue no proximo n.º).



ARNALDO PEREIRA

DE JOELHOS

I

Quando estes versos, linda Portuguêsa,
Chorarem nos teus olhos magoados,
Possam meus olhos, cheios de peccados,
Fechal'os os teus dedos de Duquêza.

Olhos de Lusa, cheios de tristêza,
Quero vê'os chorar, de apiedados;
E assim adormecêr, d'olhos calados,
Como um Velhinho á noite, ao fim da reza.

Já no Poente o sól, d'além me espreita;
E eu sou como os Velhinhos de cem annos:
Caio com sômnio, mal o sól se deita.

Ai! como é bom dormir, para sonhar...
Olhos de sômnio, olhos lusitanos,
Lusa Senhora, vem-m'os tu fechar.

*

Para o Céu

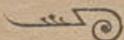
II

Quando os teus olhos, fartos de chorar,
Se fôrem para o Céu, em procissão,
Linda Senhora, pênse em mim então,
Não te vás para o Céu, sem me levar.

Menino ainda, para não pesar,
Tão pequenino me farei então,
Que não me vendo sobre a tua mão,
Diráz ás rôlas que me vão buscar...

Seguir-nos-hão três pombas do Senhor,
Que symbolisarão, assim unidas,
Nossa Fé, nossa Crêença e nosso Amôr.

E assim creanças para não pecar,
Entraremos no Céu, de mãos erguidas,
Como dois noivos que se vão casar...



GUILHERME GAMA

Agora mesmo

Cem annos que eu viva nunca se apagará da minha memoria a lancinante, a tragica scena que acabo de presenciare.

Vêde-me: todo eu estremeço de commoção e de horror. Devo estar pallido como um morto; chora-me ainda o coração e os poucos cabellos da minha cabeça sinto-os ainda de pé.

Como sabeis, estas ultimas chuvas incharam o nosso rio. A bucolica, a pitto-

resca toalha de agua que desce mansamente por entre pequenas ilhas verdes, no meio d'um continuo bouquet de choupos e salgueiros, tornou-se feroz, terrivel, cheia de coleras, arremedando ondas como o mar. Turva e amarella é uma larga nodoa na passagem que até parece afeiar o azul do céu d'esta esplendida tarde, clara, enternecida de sol, e toda lavada das chuvas.

O rapaz do moleiro, um engraçado gaiato enfarinhado e de grande cabello annellado e negro como a noite, a quem ensinei a lèr, arregaçou as calças e foi temerariamente, e sem nós vêrmos, desviar o barco do moinho que parecia querer, pela força da agua, sahir fóra do seu ancoradoiro.

Como foi? A creança desprenderia o cabo? Quebrar-se-hia este? ou o genio do mal impelliria a embarcação com a sua pata de cabra? Nunca se saberá. Vimos o barco dar uma vertiginosa volta e, n'um abrir e fechar d'olhos, apparecer no meio da corrente.

Ficamos petrificados no sitio em que nos achavamos. Uma voz afflicta começou a gritar. Correram homens que estavam, como nós, deante da scena, transidos de terror. Estranho, agudo, um grito eccoou no meu coração; e eu vi uma mulher que, desgrenhada, louca, os braços no ar, vinha berrando, descendo a encosta. Era a mãe.

O barco passava deante de nós enfiando a agua — o rapaz, de pé, sem chapéu, olhando a terra com os seus olhos grandes, muito abertos, assombrado, sem dizer nada.

Segurei nos meus braços a pobre que se ia metter á corrente. E ella, sem poder já gritar, como epileptica, apontava lá deante, na volta do rio. Todos nos percebemos — o açude!

Lá, o redemoinho era terrivel, referendo as aguas nas poldas do fundo. O barco approximava-se. A criança recortava-se nitidamente no azul do céu socegado. Ia na mesma postura, o cabello fluctuante, de pé, firme e sereno como um deus. Vi, n'esse momento, por cima da sua cabeça, atravessar o rio uma rôla.

De repente o barco volteou, estrebuchou nas aguas e tudo se afundou n'uma voragem.

A mãe cahiu-me nos braços, sem sentidos. O sol punha-se socegradamente.

Tenho ainda de pé os cabellos da cabeça. Devo estár pallido como um morto.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

SONETO

Tristeza, eu te bemdigo. O' olhos meus,
Cerrae-vos e choraes devagarinho...
As lagrimas são cirios com que Deus
Nos vem alumiar nosso caminho.

Tristeza, eu te bemdigo. Ave de Deus
Ergue mais tua voz um bocadinho...
Que a morte a ouça... Ai como eu amo os teus
Olhos de rola, alma de passarinho!

Tristeza, eu te bemdigo. Eu te procuro.
Por ti me torno bom, e soffro mortes,
Ressurjo em mim, e em mim me transfiguro!

Tristeza, eu te bemdigo. O' iguaria
Da meza do Senhor! O' pão dos fortes!
Tristeza, minha unica alegria!



Cantigas da Luzitania

I — Quem por ti não se perder
Nem te adorar, se te vir,
Não tem olhos para ver,
Nem alma para sentir.

MANUEL DE MOURA.

II — Ah! quem me dera abraçar-te
Contra o peito, assim, assim...
Levar-me a morte e levar-te
Toda abraçadinha a mim!

ANTONIO NOBRE.

III — Sino, coração d'aldeia.
Coração, sino da gente:
Um a sentir, quando bate,
Outro a bater, quando sente.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

IV — Os teus males e os meus gosos
Taes par'cencias elles têm,
Que se eu tivesse o teu mal
Fazia d'elle o meu bem.

ARNALDO PEREIRA.

V — O' Senhora da Saudade,
Sou português, vivo assim...
Vivo a morrer de saude
Por quem não morre por mim!

RIBEIRO DE CARVALHO.

VI — O amor, dizem, que ás vezes,
Faz perder as alegrias!
O que o amor faz ás vezes,
Fazes tu todos os dias...

LADISLAU PATRICIO.

VII — Saudades são como beijos
Dos corações apartados.
— Por causa d'uma saudade
Trago os meus dias contados!

JOÃO DE BARROS.

VIII — Quem embarca por amor
Nunca espere vento norte.
Eu embarquei nos teus olhos!
Tive maré de má sorte...

ALFREDO GUIMARÃES.

IX — Tu és Maria da Graça,
Mas não cuides ter alguma:
Que apesar de seres da Graça,
Tu não tens graça nenhuma.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

X — Emquanto alegre tu danças,
A minh'alma até desmaia,
Ai põe-me a cabeça á roda,
A roda da tua saia...

(Continua)

CARLOS AMARO.



NOTAS A LAPIS

A nossa revista presta, no seu n.º 2, homenagem ás fidalgas qualidades de character do nosso saudoso amigo Pedro Lobo Machado, illustrando as suas paginas inéditas com o retrato do infeliz moço, acompanhado d'um artigo devido a uma penna brilhante da nossa terra.

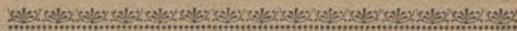


Perfis — São do elegante artista Arnaldo Pereira os deliciosos perfis que abrilhantam o nosso numero, consagrando á fina flôr da elite vimaranense.

A Arnaldo Pereira um longo abraço de reconhecimento, e muitos parabens pelo fino oiro do seu talento.

RAUL COIMBRA.

Redactor



EXPEDIENTE

Rogamos a todas as pessoas a quem enviamos a nossa revista a subida fineza de no-la devolverem logo depois da sua recepção, caso não queiram ou não possam coadjuvar-nos com o penhorante favor da sua assignatura.

Galeria vimaranense



Ha como que uma pompa complicada,
Uma pompa que fere a multidão,
Quando Ella passa, toda embandeirada,
Como quem váe na rua em procissão!

Toda bordada, como andôr de Santa,
Poisa no vácuo, ao alto, o grande olhar,
N'uma explosão de sól que se levanta,
Longe dos olhos, para além do mar...

Traz ditinhos agudos, lisongeiros,
Ditinhos finos, de diversos tons,
Aonde os naturaes... e os estrangeiros
Andam a par, prêsoes de pés e mãos...

No tic tac das botinas pretas
Batendo as pedras do passeio, em roda,
Ha pequeninas explosões discretas
Que salpicam de sons a rua toda...

E ondeando em finas pregas rumorosas,
Todo o vestido d'alto a baixo em flôr,
Se alarga e treme em curvas luminosas,
Como se fôsse de papel de côr!

Os seus olhos nocturnos, que eu calculo
Valerem tanto ou mais que um manto régio,
Fazem mais bulha, lá no seu casulo,
Do que os rapazes todos d'um collégio!

Mas embora nos saía muitas vêzes
Com seus modos ardentes, terminantes,
Dizem que agora, aqui ha uns tantos mêzes,
Já não é tão voluvel, como d'antes...

E ahí está a rasão por que um dos seus retratos
Lhe foi roubado, com trábalo embora.
É que o ladrão de casa é como os ratos...
—Perdõe ao seu ladrão, real Senhora...



Cortou-lhe o Céu d'uma filhinha os dias;
Mas Deus que é grande, e justiceiro, e bom,
Deixou-lhe ainda um rancho de Marias,
E que lindas Marias que ellas são...

Mas como um grande espirito não pouisa
Em casa sempre, vendo a mesma scêna,
Quiz entretêr a idêa em qualquer cousa,
Mas qualquer cousa que valesse a pênna...

Mettido n'um castello, como os reis,
D'onde commanda as tropas do partido,
Tomando a pênna, com que dita leis,
Bradou um dia: *batalhão, sentido!*

E a esse brado, como por encanto,
Brado tremêdo, que se ouviu na lua,
Surge um policia á espreita em cada canto,
Com um chanfalho álerta em cada rua!

Esse dia de truz foi como um muro,
Sustendo a queda á marcha dos enganos.
Regressou ao mercado o leite puro,
Que andava ausente ha trinta e tantos annos...

Reformou as posturas desleixosas;
E espera ainda um dia, por seu turno,
Fazêr na terra cousas espantosas,
Mettendo á esquadra o jogador nocturno.

E assim vive, doutôr e auctoridade,
A dar consultas e a fazer prisões,
Zelando ao mêsmo tempo, na cidade,
Os cidadãos, o Codigo... e os melões...

Por este andar, diga-se sem malicia,
A nossa sorte não nos váe tão mal...
Já cá temos um côrpo de policia,
Não tarda a vir tambem a *mancipal*...

ESTÉLLIO.